

Iorgu Iordan y Maria Manoliu — *Manual de Lingüística Románica* (Revisión, reelaboración parcial y notas de Manuel Alvar) (Biblioteca Romanica Hispánica) Editorial Gredos, Madrid, 1972. 2 tomos: tomo I, 394 pp. tomo II, 304 pp. (\*).

Em 1932 publicou Iorgu Iordan, o conhecido romanista romeno, então da Universidade de Iasi — sob o título *Introducere in studiul limbilor romanice: evolutsia s,i starea actuala a lingvisticci romanice* — um alentado e importante volume de 480 pp., que foi divulgado no mundo ocidental por uma edição inglesa remanejada pelo romancista John Orr, sob o título: *An Introduction to Romance Linguistics. Its schools and scholars* (Revised, translated and in part recast by John Orr) London, 1937, 403 pp. Essa obra se tornou bastante rara e era ultimamente obtida por microfimes e ampliações fotográficas, como é o exemplar que tem a nossa biblioteca.

Em 1962, sob o título *Lingvistica Romanica: Evolutsie, curente, metode*, pela Editura Academiei Republicii Populare Române de Bucareste, com 440 pp., com “numerosas e importantes alterações”, Iorgu Iordan fez sair a 2a. edição dessa notável obra, de que saiu ao mesmo tempo uma versão alemã de W Bahner. Em 1967, Manuel Alvar, o operoso e escrupuloso romanista e diatetólogo espanhol, publicou, pelas Ediciones Alcalá, de Madrid, com XXII + 758 pp., em formato grande, a versão espanhola desse livro, sob o título *Lingüística Románica — Evolución — Corrientes — Métodos* (Reelaboración parcial y notas de Manuel Alvar), na Colección “Romania” dirigida por seu colega, o foneticista Antonio Quilis.

Essa obra de Iorgu Iordan é, na verdade, uma visão da evolução da Lingüística Moderna, do século XIX até as três primeiras décadas deste século, com uma ou outra informação bibliográfica posterior, sob o prisma da Lingüística Românica, que ele chama carinhosamente “*disciplina noastra*”. É uma excelente visão da evolução das tendências e dos métodos da Lingüística Românica. A versão escrupulosa de Manuel Alvar é saudada pelo romanista romeno com “especial satisfação”, no seu brevíssimo *Prefácio*, em que ele se refere ao enriquecimento bibliográfico do tradutor espanhol, como obra de “verdadeiro colaborador”, e o declara “coautor”, acrescentando que ele tornara a edição espanhola “superior a todas as demais” (p. XVIII).

---

(\*) — Por falta de matrizes, foi necessário adotar as seguintes soluções para os símbolos romenos estranhos à tradição gráfica portuguesa.

s, — para o símbolo *s* com vírgula sotoposta do romeno, que representa a sibilante palatal surda;

ts — para o símbolo *t* com vírgula sotoposta do romeno, que representa a africada dental surda;

a — para o símbolo *a* com caciuła (= bráquia) do romeno, que representa o *a* fechado igual ao de Portugal em *mas, dama, cada*;

â — para o *i* com acento circunflexo, segundo a nova ortografia romena, salvo na prep. *in*, que fica escrita com *i* sem outro sinal.

E, realmente, embora sempre o trabalho de tradutor já seja em si uma colaboração com o autor, porque amplia o alcance da sua obra, o escrúpulo modelar com que M. Alvar interfere no texto do Autor romeno deixa bem claro a qualquer leitor o que é apenas “colaboração” e o que é realmente “co-autoria” sua. O provérbio italiano *Traduttore traditore* condensa duas grandes verdades. A primeira, bastante clara, é lingüística, isto é, que *traduzir* é sempre “interferir no texto” e, portanto, “trair” o autor que traduz. Esse é o sentido básico do provérbio. Mas a segunda verdade de natureza cultural, é o sentido mais importante, embora seja o velado, só percebido pelo espírito etimológico, que vê em *traditore*, “entregar”, no seu derivado *traditor*, “o que entrega” (cf. tradição) e afirma que o tradutor é o “transmissor da mensagem” pois é graças ao seu trabalho, por imperfeito que ele seja, que têm acesso a ela os que não conhecem a língua do original. Manuel Alvar sempre “interfere” na obra, traduzindo bem, mas o seu escrupuloso uso de colchetes [ ] para indicar quando foi além do trabalho de tradutor com contribuições pessoais, no texto ou no rodapé, confina apenas à complexa problemática da tradução e do contacto de duas línguas evoluídas sob vivência diversa o papel de *traditore* no sentido translato.

Pondo em espanhol com tal escrúpulo essa famosa e importante obra de Iorgu Iordan, ele prestou-nos inestimável serviço, enriquecido com excelentes informações bibliográficas e ricas observações de conteúdo, sobretudo no campo do ibero-romance. E não só a nós, professores ou estudantes de Lingüística Românica, mas, pelo plano e pela natureza da obra em si, a qualquer professor ou estudioso de Lingüística Moderna.

Não se reclame desta longa introdução, que visa a outra obra de Iorgu Iordan, o recém-saído à luz, *Manual de Lingüística Românica*, cuja ficha bibliográfica foi dada de início. É esta que eu pretendo não examinar profundamente mas modestamente resenhar para os leitores brasileiros de nossa revista. Como, porém, as duas obras são quase homônimas e, que eu saiba, não saiu entre nós nenhuma notícia precisa da reedição da primeira, pareceu-me conveniente fugir à norma e “matar dos coelhos com uma só cajadada”, como diz o nosso ditado, dando dela, para iniciar, uma rápida notícia. Desse modo se evitará qualquer confusão entre os dois excelentes livros de Iorgu Iordan, o primeiro só dele, saído em romeno em 1962, e em espanhol em 1967, e o segundo dele e de Maria Manoliu, saído em romeno em 1967, e o segundo dele e de Maria Manoliu, saído em romeno em 1965, pela Editura Didactica s,i Pedagogica de Bucareste.

É este último que nos ocupará a atenção daqui em diante. Seu título na edição romena é *Introducere in Lingvistica Romanica* e o volume, de formato grande e 296 pp. O tradutor espanhol deu à obra o título de *Manual de Lingüística Românica*, que é também o da obra de B. E. Vidos, romanista húngaro, radicado na Holanda, publicada em holandês em 1956, traduzida para o italiano por G. Francescato em 1959, e depois traduzida da versão italiana para o espanhol pelo romanista catalão Francisco de B. Moll, em 1963. Esse *Manual*

de Vidos é, talvez, o primeiro dos de introdução aos estudos românicos que tenta uma renovação metodológica, sob a luz de modernas visões da Lingüística, cabendo notar, no entanto, que os volumes I e II da *Romanische Sprachwissenschaft* de Heinrich Lausberg, para a Coleção “Göschel”, ambos de 1956, como a edição holandesa de Vidos, eram também a substituição com método moderno dos dois volumes com o mesmo título, mas abrangendo Fonética, Morfologia e Sintaxe, de Adolf Zauner, cuja 4a. edição é de 1921. A obra de Lausberg, na Coleção “Göschel” compreendendo Fonética e Morfo-sintaxe, saiu em quatro volumes, que deram os dois grandes volumes sob o título de *Lingüística Románica* publicados pela Editorial Gredos, em 1965 e 1966.

Diferentemente das obras de Vidos e Lausberg, a primeira dedicada aos problemas gerais e de história externa, a segunda especialmente à história interna, *O Manual de Lingüística Románica* de Iordan-Manoliu examina vários problemas de história externa e apenas os problemas gerais de história interna, na Fonética, na Morfo-sintaxe e no Léxico, dentro duma visão estruturalista no que toca à fonologia e à morfo-sintaxe, capítulos que ficaram a cargo de Maria Manoliu, como se diz na “Palavra Prévia” (*Cuvânt înainte*) da edição romena de 1965, que é de lamentar que a edição espanhola tenha suprimido.

Se, mudando o título do original, a versão espanhola arrisca a confusão com a obra de Vidos, afastou, por outro lado, evitando traduzir literalmente *Introdução à Lingüística Románica*, a confusão com o conhecido manual de Meyer-Lübke, vertido para o espanhol por Américo de Castro, sob o título de *Introducción a la Lingüística Románica*. É que agora já há uma meia dúzia de obras de muito valor, algumas das quais ligeiramente ou um tanto antiquadas, mas todas ainda de grande interesse para a iniciação nos estudos românicos: *Origenes Neolatinos* (cito-as pelas edições ou versões mais correntes entre nós), de Savi Lopez, a citada *Introducción* de Meyer-Lübke, o *Manuale di Avviamento agli Studi Romanzi*, de Monteverdi, *Les origines des peuples romans* e a *Fragmentación Lingüística de la Romania*, de Walther von Wartburg, o monumental *Le Origini delle Lingue Neolatine*, de Carlo Tagliavini, agora já na 5a. edição, para não falar nos tratados mais volumosos de Diez, Meyer-Lübke, Gröber e outros, só de consulta, e no ainda tão útil e claro de Bourciez, *Eléments de linguistique romane*. Mas quem já conhece todos esses livros ainda lerá com especial proveito e prazer este *Manual de Lingüística Románica* de Iordan-Manoliu, que tem plano novo e traz muita matéria original.

Não será inútil uma visão sumária do seu índice. Divide-se em seis partes na versão espanhola, que reúne numa só a primeira e a segunda do original. A primeira parte — “O latim e a formação das línguas românicas” (pp. 11-74) — consta de dois capítulos, um sobre o latim vulgar e outro sobre a diferenciação do latim. A segunda parte, intitulada “O mundo românico” (pp 77-118), expõe num capítulo único (cap. III) as dez línguas românicas tradicionalmente consideradas, inclusive o dalmático, dialeto desaparecido no fim séc. XIX. A terceira parte, em três capítulos (caps. IV-VI) (pp. 121-205), trata de fonética

e fonologia (acento, vocalismo e consonantismo). A quarta parte, em oito capítulos (caps. VII-XIV) (pp. 209-390), trata da morfo-sintaxe: substantivo, artigo, adjetivo, numeral, pronomes (pessoal e determinativos), verbo, advérbio, e preposição e conjunção. Com ela termina a matéria do tomo I. A quinta parte, num só capítulo (o XV) (pp. 9-59), trata da formação de palavras. A sexta, também de um só capítulo, longo, (o cap. XVI) (pp. 63-163), examina o léxico. Pela sua natureza, essas duas últimas partes incluem também um pouco de história externa. O tradutor espanhol acrescenta, em dois apêndices: 1) um vocabulário de “termos lingüísticos” (pp. 167-172), com 99 termos, sóbrio, mas bastante útil; 2) dois bons índices alfabéticos, em duas colunas. Esses índices foram elaborados por suas auxiliares, Carmen Moles e Maria Angustias Luzón: a) índice de palavras (pp. 185-287); b) índice de nomes próprios (pp. 289-297). O próprio índice da edição espanhola (pp. 299-303) é mais minucioso que o do original, que é de apenas uma só página. O número de páginas ocupadas pelo de palavras mostra como ele é minucioso.

A divisão da obra no original é, na verdade, em sete capítulos, de extensão diversa, alguns subdivididos em vários grandes “parágrafos” ou secções numeradas. Nem todas as secções são numeradas: apenas meio assistematicamente ocorrem subdivisões do tipo 1.1, 1.2, 1.2.1, etc. que eu costumo chamar de “divisão de taxímetro”. O tradutor espanhol reuniu os dois primeiros capítulos numa parte genérica sobre o Latim Vulgar, eliminou a “partição de taxímetro” adotando a de parágrafos, numerados de 1 a 552, de acordo com a sucessão dos assuntos, o que facilita muito as referências à matéria discutida.

Como se disse acima na introdução, Manuel Alvar é muito escrupuloso nas interferências no texto e nas notas, pelo que é estranho que tenha omitido a “Palavra prévia” de Iorgu Iordan, sem indicação. Em seu “Prólogo del Tradutor” se declara que ele substituiu páginas inteiras, especialmente no que toca ao basco (pp. 97-102, §§ 101-104) e outros problemas relativos ao ibero-romance (pp. 109-112, §§ 111, 111a e 111b). Mas o uso de colchetes mostra precisamente quando houve interferência do tradutor, às vezes num simples exemplo perdido no meio duma linha, ou na indicação precisa de uma página ou data. Caso típico é o das notas de rodapé: para um total de 900 notas do livro, em números redondos, cerca de 470 são originais dos autores, cerca de 330 são do tradutor, ao passo que em cerca de outras 100 dos autores se registra a interferência do tradutor, claramente detectável.

Tudo isso mostra o valor excepcional, como apresentação dos fatos e como sugestão metodológica, de mais esse admirável serviço que Alvar presta à Lingüística Românica. Para essa edição, Iorgu Iordan não escreveu prefácio. Se o tivesse feito, teria certamente repetido as palavras de apreciação do prefácio da obra anterior.

Não caberia a esta resenha, que apenas pretende ressaltar para os professores e estudantes brasileiros a importância dessas duas obras em versão espanhola, especialmente o *Manual*, acessível a qualquer estudioso e de leitura

muito agradável, entrar em pormenores de conteúdo. Isso, na verdade, iria além da minha capacidade de apreciação e crítica. Mas o fato é que, numa leitura atenta, sempre haverá soluções de que se possa discordar ou que mereçam algum reparo. Todos nós, quando relemos criticamente o que escrevemos, freqüentemente discordamos de nós mesmos. Por isso, farei aqui algumas poucas observações despretensiosas.

Quanto ao latim vulgar e ao desenvolvimento do latim literário, a obra ignora totalmente as duas obras do nosso Prof. Theodoro Henrique Maurer Júnior — *O Problema do Latim Vulgar e Gramática do Latim Vulgar* — que examinaram o “problema do latim vulgar” e de sua reconstrução pelo método comparativo, auxiliado pelo método que eu chamarei *filológico*, por explorar as fontes escritas —, tendo os dialetos isolados, especialmente romeno e sardo, como excelentes pontos de referência. O romeno é entre as línguas românicas a que mais tardiamente se relatinizou, de modo que o que antes disso ele apresenta de latim é positivamente herança do latim vulgar. Os trabalhos do Prof. Maurer chegam a uma visão do latim vulgar bastante diversa da tradicional expressa por Savi-Lopez e Grandgent, que é a encampada pelo *Manual* (vol. I, pp. 27 e ss.), como “língua das classes médias” que para Maurer seria antes a *consuetudo* ou *usus* ou, segundo os autores latinos, o *sermo vulgaris*, enquanto o que nós chamamos *latim vulgar* seria o *sermo plebeius*, ou *rusticus*, ou *rusticitas*. Não quero dizer que o conceito não seja discutível. Mas seria bom que pelo menos se tomasse conhecimento dessa posição. Na verdade, para a Linguística Românica, *latim vulgar* é o latim das classes que latinizaram o Império, e nessas a maior massa era a dos soldados e dos colonos, isto é, os analfabetos e provincianos latinizados sobretudo na caserna. É possível que tenha sido por culpa nossa que essas obras de Maurer não tenham chegado às mãos do ilustre romanista romeno. Mas como explicar que tenham passado despercebidas a M. Alvar, tão preciso nas suas intervenções bibliográficas?!

Quanto à lista de termos religiosos cristãos entrados para o romeno, que se diz ser uma “serie bastante ampla” “transmitidos diretamente” (§§ 477, p. 89 do vol. II), é possível que muitos tenham vindo do grego sem ser por intermédio do latim, como é o caso das línguas ocidentais. Parece estranha essa afirmação de que é “ampla” a série, se vindos do latim, porque a lista dada não é assim tão grande e alguns dos que se dão podem ter vindo por outra via que a latina, como *christianus*, *angelus*, *draco*, *pascha*, *presbyter*. O caso de *martor*, sobre o qual o tradutor faz justa ressalva (p. 90), não parece ser de retorno ao sentido leigo de “testemunha” mas simplesmente uma importação do grego profano. *Paganus* — donde o romeno *pagân*, *pagânatate*, *pagânesc*, *pagâneste*, *pagâni*, *pagânie*, *pagânime*, e *pagânism* — é um caso curioso, pois é palavra de atestação tardia em latim. Quanto a *basilica*, o romeno, o velhoto e o rético o conservam no sentido de “templo” e de “igreja” (*biserica*, *basalka* e *baselgia*) e há vestígios em empregos menos generalizados e estereotipados na Gália e na Ibéria, como nota o tradutor para a Ibéria. Parece que a menção de “algumas falas conservadoras” é um tanto imprecisa.

A explicação da substituição de *auris* por *oricla* com base na pronúncia *oris*, com redução do ditongo *au* como geral no latim vulgar, parece gratuita. É certo que *oricla*, e não *auricla*, é a forma vulgar. Mas as formas romenas vindas de *audire*, *aurum*, assim como as provençais e as portuguesas, mostram que, se houve tendência rústica para reduzir *au* a *o*, essa tendência não se consumou, senão em palavras individuais, como *fox* por *faux*, *oricla* por *auricla*, *coda* por *cauda*, *poper* por *pauper*. Também os casos de *caballus* por *equus* e *casa* por *domus* (Vol. II, p. 84, § 470) não parecem ser casos de “cavalo de pobre” ou “casa de pobre”. Antes, parecem ajudar a demonstrar que foi a classe rústica, dos colonos, a que mais contribuiu para a latinização.

Quanto aos nomes latinos dos dias da semana — *lunis dies*, *martis dies*, *mércuri dies*, *jovis dies*, *veneris dies* (vol. II, p. 87, § 475) —, lembro que *mércuri* com *-s* deve ser a forma, e não *mércuri*. O acento na primeira se deve ou ao fato de que todos os genitivos planetários, com exceção de *Saturni* (em inscrições populares *saturnis*), que foi cedo substituído por *sabbatum*, e de *Mercurii*, tinham o acento na primeira sílaba, ou por simples analogia com *Veneris*, o que é mais provável. Note-se de passagem que o *dies Mercuris* e o *dies Veneris* entre os cristãos estavam muito associados como dias de jejum. Mas o que me parece mais digno de reparo é a ordem dos termos. Depois da troca de artigos entre Walther von Wartburg, e Per Nykrog e Albert Henry sobre o caso da posição de *dies* na fórmula planetária, e dos excelentes estudos destes dois romanistas e ainda dos de Rudolf Baher, Constant Maneca e Hans Peter Bruppacher, tive oportunidade de examinar detidamente o assunto. Com base em argumentos invocados por esses autores e em constatações pessoais, a minha conclusão é a de que as poucas ocorrências de fórmulas que antepõem a *dies* o genitivo planetário são absolutamente literárias ou ocasionais. O testemunho dos dialetos periféricos da România — albanês, dialetos célticos —, o do provençal e do catalão, o testemunho unânime das inscrições gregas e latinas, reclama, a uma voz, *dies* + genitivo planetário. Não resta dúvida de que a posposição de *dies* no francês (menos em *dies dominica*), no rético e no italiano, nas formas em que ela se deu, se deve à influência franca e lombarda. Nesse caso essa persistência de dicionários etimológicos ou de tratadistas em apresentar as fórmulas com *dies* posposto se deve a uma arraigada e teimosa influência da cultura lingüística francesa. Nem os dicionários etimológicos franceses nem os italianos terão o direito de invocar essas fórmulas, porque, se é influência franco-lombarda, é posterior à época latina: é já de época pós-carolíngia.

Caberia ainda notar que o português, mesmo depois dos acréscimos do tradutor, nem sempre entra com o coeficiente desejado de exemplos que esclareçam ou ilustrem os fatos. Mas nesse caso a falta é nossa (e também dos portugueses), segundo já dizia Antônio Ferreira acerca do desprestígio da língua

portuguesa: “ Se até aqui (ela) esteve morta e sem valor,/culpa é dos que mal a edificaram, /esquecimento nosso e desamor” Se fornecêssemos as informações, haveria mais exemplos nossos.

Esses ligeiros reparos atingem apenas uma parte do léxico e são de pequena monta. Como eu creio que a colaboração de quem se beneficia de um livro tão belo e rico como este se impõe para aperfeiçoá-lo, espero ainda o lazer para oferecer ao Autor ou ao tradutor, em cartas pessoais, notas mais organizadas.

Uma nota afetiva para terminar. O “Prólogo del Tradutor” está datado de São Paulo: “São Paulo (Brasil), 11 de febrero de 1969” Naquela ocasião ele cá esteve dando cursos no III Instituto Iberoamericano de Lingüística. A sua generosidade inseriu no penúltimo parágrafo os nomes de alguns de nós. Mais do que isso, porém, esse livro vem prestar-nos uma ajuda inestimável.

*Isaac Nicolau Salum*

SBD / FFLCH / USP	
SEÇÃO DE _____	
AQUISIÇÃO _____	VALOR
_____	
DATA _____	TOMBO _____